

Desafios para a educação num campo de refugiados: uma imersão exploratória

Challenges for education in a refugee camp: an exploratory immersion

Desafios para la educación en un campo de refugiados: una inmersión exploratoria

Marco Braga ^[a]

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)

Como citar: BRAGA, M. Desafios para a Educação num Campo de Refugiados: uma imersão exploratória.

Revista Diálogo Educacional, v. 24, n. 81, p. xxx-xxx, 2024. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.081.DS09>

Resumo

A partir de uma pesquisa exploratória no campo de refugiados de Dzaleka (Malawi), procurou-se analisar os desafios enfrentados pela educação de refugiados implementada tanto por organizações humanitárias como por ações organizadas pelos próprios refugiados. O primeiro desafio enfrentado é na pré-escola e ensino fundamental. Apesar do esforço que vem sendo realizado existe no Dzaleka um vácuo de atendimento à educação básica, com muitas crianças ainda não assistidas. O sistema possui um distanciamento entre a educação que vem sendo implementada pelas organizações humanitárias e aquelas organizadas pelos próprios refugiados. Para além da educação básica, ainda existe o desafio da educação superior que vem sendo realizada por meio de plataformas digitais internacionais com cursos livres de formação profissional e poucos cursos de graduação. O terceiro e último desafio é a inserção dos refugiados na economia da região, ainda vetada pelo governo local. Grande parte dos problemas enfrentados no Dzaleka são idênticos aos diferentes campos suportados pelo ACNUR no mundo. A educação em contextos humanitários nos campos de refugiados do mundo necessita de soluções inovadoras para que haja futuro para milhões de crianças e jovens.

Palavras-chave: Educação humanitária. Refugiados. Dzaleka. Campos de Refugiados. Educação em Emergências.

[a] Mestre em Educação, Doutor em Engenharia de Produção, e-mail: marco.braga@cefet-rj.br

Abstract

Based on exploratory research in the Dzaleka refugee camp (Malawi), we sought to analyze the challenges faced by refugee education implemented both by humanitarian organizations and by actions organized by the refugees themselves. The first challenge faced is in preschool and elementary school. Despite the efforts being made, there is a vacuum in basic education services at Dzaleka, with many children still not receiving assistance. The system has a gap between the education that has been implemented by humanitarian organizations and those organized by the refugees themselves. In addition to basic education, there is still the challenge of higher education, which is being carried out through international digital platforms with free professional training courses and few undergraduate courses. The third and final challenge is the integration of refugees into the region's economy, which is still vetoed by the local government. Most of the problems faced in Dzaleka are identical to the different camps supported by UNHCR around the world. Education in humanitarian contexts in the world's refugee camps requires innovative solutions so that there is a future for millions of children and young people.

Keywords: Humanitarian education. Refugees. Dzaleka. Refugee Camps. Education in Emergencies.

Resumen

A partir de una investigación exploratoria en el campo de refugiados de Dzaleka (Malawi), buscamos analizar los desafíos que enfrenta la educación para refugiados implementada tanto por organizaciones humanitarias como por acciones organizadas por los propios refugiados. El primer desafío que se enfrenta es en preescolar y primaria. A pesar de los esfuerzos que se están realizando, existe un vacío en los servicios de educación básica en Dzaleka y muchos niños aún no reciben asistencia. El sistema tiene una brecha entre la educación implementada por las organizaciones humanitarias y la organizada por los propios refugiados. Además de la educación básica, aún queda el desafío de la educación superior, que se realiza a través de plataformas digitales internacionales con cursos de formación profesional gratuitos y pocos cursos de pregrado. El tercer y último desafío es la integración de los refugiados en la economía de la región, que todavía está vetado por el gobierno local. La mayoría de los problemas que enfrenta Dzaleka son idénticos a los de los diferentes campos apoyados por ACNUR en todo el mundo. La educación en contextos humanitarios en los campos de refugiados del mundo requiere soluciones innovadoras para que haya futuro para millones de niños y jóvenes.

Palabras clave: Educación humanitaria. Refugiados. Dzaleka. Campos de refugiados. Educación en Emergencias.

Introdução

Em 2023 propus a uma organização humanitária que vem desenvolvendo trabalhos educacionais no Campo de Refugiados de Dzaleka no Malawi, a realização de uma oficina para professores-refugiados a ser ministrada no próprio campo. A oficina teria como tema a aprendizagem baseada em projetos STEM (Science-Technology-Engineering-Mathematics) a partir de problemas extraídos da realidade daquela comunidade (Braga, 2021). O trabalho visava o desenvolvimento de competências dos professores da escola situada na periferia do Campo de Refugiados. A organização humanitária havia chegado à região em 2018, após algumas incursões exploratórias naquela realidade em anos anteriores. A primeira ação implementada foi o acolhimento às crianças subnutridas (em estado de fome crônica). Em seguida, com um terreno comprado na periferia do campo, começaram a ser desenvolvidos projetos em saúde e educação voltados para os refugiados e para comunidades malawienses próximas. Em 2019 foram construídas as primeiras salas de aula visando o atendimento da pré-escola e das primeiras séries do ensino fundamental (Palatinsky, 2022). Em 2023, já com 3 séries do Ensino Fundamental em curso começou-se a vislumbrar a preparação de um futuro segundo segmento do Ensino Fundamental. Com isso, veio a necessidade de formação desses professores em diferentes áreas. Minha proposta foi a de desenvolver uma oficina STEAM (Science, Technology, Engineering, Arts, and Mathematics) com os professores a fim de fazer com que eles comessem a vivenciar uma experiência de educação através de projetos (PbL) que nascessem dos problemas vivenciados pela comunidade.

O objetivo inicial não era realizar uma pesquisa naquela realidade. Mas os estranhamentos que aquela realidade provocava, pedia anotações de campo e registros fotográficos de tudo aquilo que chamasse atenção do olhar e que pudesse gerar uma reflexão mais tarde. Diferentes conversas foram travadas com diferentes atores daquele processo. Essas conversas completavam de informações o quadro que se apresentava.

As pesquisas etnográficas têm por prática a observação acurada da realidade social na busca do entendimento denso da realidade que se mostra ao olhar do pesquisador (Geertz, 1989). É de extrema importância nesse processo observacional, que sempre parte do estranhamento do observador, inserir atores que possam esclarecer códigos não percebidos no processo de decifração. E isso acabou sendo feito.

Apesar do curto espaço de tempo dessa imersão (17 dias), percebi que ao final havia um material importante que deveria ser compartilhado. Logo, ainda considero que essa investigação deva ser considerada de caráter exploratório. Mas a leitura de diversos outros pesquisadores, que adentraram diferentes campos de refugiados, fez com que essa imersão no cotidiano do Dzaleka superasse o olhar do visitante despreocupado, desprovido de interesse social e educacional. Enfim, do visitante turístico. Meu interesse era compreender como a educação é construída por diferentes atores em meio àquela realidade complexa.

A imersão foi realizada não só na escola construída pela organização humanitária, mas também em uma outra escola no interior do campo, sob a liderança de um refugiado. Lá, pude repetir a oficina. Desse processo, surgiram vivências de realidades diferentes que poderiam ser comparadas para um melhor entendimento de diferentes processos educacionais elaborados por atores diversos, uma organização humanitária externa e pelos próprios refugiados.

Meu objetivo passou a ser o de compreender aquela realidade para poder elaborar propostas de soluções para os desafios impostos à educação de refugiados em campos de refugiados.

O tipo de educação desenvolvido nos campos é bem diferente daquele realizado pelos países de acolhimento, nos quais os refugiados passam a ter uma vida urbana integrada ao cotidiano da cidade. Esses são dois universos que já vem sendo estudados há algum tempo (Mendenhall et al., 2015) e que merecem tratamento diferenciado.

Esse artigo é na realidade um relato etnográfico a partir de anotações feitas sobre as formas de produção de educação num campo de refugiados. As duas escolas aqui tratadas nasceram de propostas bem diferenciadas, mas guardam um mesmo ideal: construir meios de resistência à condição imposta àquela comunidade sob a forma de educação (Fresia & Von Känel, 2016). Essa reflexão procura dialogar com a bibliografia internacional da área sobre as diferentes formas de se produzir educação formal, não só para refugiados, mas com refugiados, em uma comunidade em grave estágio de vulnerabilidade. Nesse olhar, pretende-se ultrapassar a simples descrição do universo de carência para uma compreensão das respostas que vem sendo dadas por meio da organização coletiva e da tomada do destino nas mãos.

Antes de embarcar nessa jornada procurei me inteirar dos relatos de outros colegas que já tinham estado naquela realidade e ler artigos sobre experiências desenvolvidas em campos de refugiados. Após retornar, já com a dimensão da experiência vivida, passei a investigar o tema da educação de refugiados com mais profundidade comparando minhas anotações com os relatos e artigos escritos sobre o tema. A questão que norteará essa reflexão é o entendimento das respostas aos desafios impostos à educação num campo de refugiados vêm sendo dadas pelos diferentes atores que vivenciam aquela realidade e que caminhos poderão ser trilhados no futuro?

Dzaleka: o território

Um campo de refugiados pode ser visto por diversos ângulos. Um deles é simplesmente dizer que é um local de abrigo ou refúgio como o nome já diz. Para os que lá chegam, a sensação que transparece é realmente essa. Um local onde a perseguição, a morte e a violência, em todos os níveis, cessarão. A essa primeira sensação, se soma um sentimento de perda. A fuga acarreta um abandono, seja de uma rotina de vida, de projetos que estavam sendo encaminhados ou da família e das relações sociais. Enfim, fuga representa também toda a desintegração dos sonhos de futuro.

No primeiro momento, quando o migrante chega ao campo, tem que esperar meses para obter o status de refugiado que lhe dará acesso ao campo. O local de espera é chamado de zona de trânsito. Cada candidato tem que provar que migrou por perseguição de diferentes níveis, desde aquela que provocada por perseguição política, étnica ou religiosa até por ocasião de alguma catástrofe, seja natural ou ambiental. Isso diferencia o refugiado do migrante regular. Só depois de obter o status de refugiado, ele pode verdadeiramente adentrar aquele novo território e contar com apoio das Nações Unidas por meio do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR ou UNHCR em inglês). Mas a certeza que o guiará sempre será a de que aquela condição é temporária. Em breve, tudo irá melhorar e o retorno para um recomeço na antiga condição ocorrerá inevitavelmente, do ponto em que parou. Hoje o tempo de refúgio é calculado em média como sendo de 20 anos. (Xavier Devictor, Quy-Toan Do, 2017), podendo levar desde poucas semanas, como no caso da Guerra do Kosovo, ou mais de 70 anos, como no caso dos Palestinos. Mas esse tempo médio significa toda uma vida escolar para as crianças e um bom tempo da vida produtiva de um jovem.

O Campo de Refugiados de Dzaleka situa-se no Malawi, um país muito pobre e com poucas riquezas naturais situado na parte meridional da África Oriental. O país não tem acesso ao mar, fazendo fronteira com Tanzânia, Moçambique e Zâmbia. Na sua parte oriental existe o lago Malawi, que melhora um pouco as condições de ausência de contato com o mar em termos de pesca, mas não em termos de escoamento de produtos. Segundo o FMI, o Malawi é o quarto país mais pobre do mundo com base no PIB per capita, oitavo no IDH e o décimo sétimo no índice MPI (Multidimensional Poverty Index), que mede diferentes dimensões ligados a pobreza, como saúde, educação, acesso a água potável e a energia.¹ Essa condição é determinante para o governo do Malawi não queria ver seu sistema educacional que já carente financeiramente, inundado por milhares de crianças refugiadas.

O campo de Dzaleka foi criado em 1994 para receber os refugiados do genocídio de Rwanda produzido por uma elite governamental da etnia Hútus sobre membros das etnias Tútsi, Tuás, e até Hútus moderados. Os perseguidos migraram e foram acolhidos pelo ACNUR em Dzaleka, num terreno comprado pela ONU do governo do Malawi. Antes do Campo de Refugiados, existia ali um antigo presídio para onde eram enviados os piores criminosos, devido ao clima muito frio e seco no Inverno em oposição a temperado e chuvoso no Verão. Dzaleka significa “fim da linha” em Chichewa, a língua popular dos malawianos. O lugar é desértico hoje, podendo ter tido florestas no passado que foram devastadas por motivos econômicos. Essa suspeita provém do fato de que os únicos lugares com muitas árvores são os cemitérios. Essas ilhas de arborização em meio ao deserto são os lugares sagrados e interditados a pessoas de fora do círculo étnico das comunidades. Por isso, conseguiram permanecerem intocados pela exploração econômica.

Desde então, foram chegando pessoas de diferentes partes da África, como Burundi, Uganda, Tanzânia (Magambi, 2015). Em anos recentes começaram a chegar refugiados da República Democrática do Congo (RDC), um dos maiores países da África em termos territoriais. Mas a RDC também é um dos países mais ricos em recursos minerais, tendo passado por vários ciclos econômicos de exploração, que começaram com o colonizador belga. Naquela época, a violência corporal era uma prática comum nas relações de trabalho. Os habitantes das vilas do interior do Congo Belga foram escravizados e submetidos a tortura para que trabalhassem para o colonizador. Mesmo depois da independência essa prática permaneceu, agora com novos senhores. O primeiro ciclo foi o do ouro, depois veio o ciclo dos diamantes e hoje é o do Cobalto, matéria-prima encontrada nos principais aparelhos eletrônicos, principalmente nas baterias em todo mundo. É comum aos refugiados da RDC falar que não existe um único celular no mundo que não tenha algo extraído com a dor dos congolezes. A luta pelo controle da extração desses minerais fez com que grupos paramilitares sequestrassem crianças, seja para transformar meninos em soldados ou meninas em escravas sexuais. Milhares de mães fugiram com seus filhos da RDC, enquanto os homens eram mortos pelos grupos que disputavam o controle das minas (Cararo & Souza, 2017).

O Dzaleka se tornou um dos principais destinos de toda essa migração. A população do campo, que em 1994 começou com 10 mil refugiados, chega hoje a quase 60 mil, sendo 62% vindos da RDC, 19% do Burundi, 7% de Rwanda e 2% de outras nacionalidades. Desses, 45% são mulheres, 48% são crianças e somente 7% homens. Essa estatística indica que existem quase 35 mil crianças necessitando de educação hoje.

¹ <https://ophi.org.uk/multidimensional-poverty-index/>

Dzaleka: espaço multilinguístico, multireligioso e multicultural

Alguns campos de refugiados são abrigos para uma única etnia, como o de Kutupalong no distrito Cox Bazar em Bangladesh. Lá os mais de 1 milhão de refugiados da etnia Rohingya, que professa o islamismo, vive ao abrigo da perseguição étnica-religiosa de grupos budistas e do governo de Myanmar. Em Kutupalong existe uma unidade linguística. Já no Dzaleka a população refugiada é multicultural e multilinguística. A situação de ambos é similar apenas na condição do país de acolhimento rejeitar a introdução dos refugiados no sistema educacional.

O Dzaleka é uma torre de babel. A grande maioria dos refugiados fala o Swahili, uma língua muito utilizada na África Oriental, considerada como uma das línguas oficiais na Tanzânia, Rwanda, Kenya e Uganda e língua minoritária no Burundi, RDC e Moçambique. Mas como a RDC é um país extenso, o swahili é a língua mais falada somente na parte oriental do país, exatamente aquela mais próxima do Malawi e onde existe a indústria extrativista de cobalto. Aqueles refugiados que passaram por alguma escolarização em seus países de origem, aprenderam a línguas dos colonizadores que é também considerada a língua oficial de alguns países. A língua oficial na RDC é o francês, logo no Dzaleka é usual que se fale esta língua nas ruas também. No Malawi, país de acolhimento, a língua mais falada nas ruas é o Chichewa, mas a oficial é o inglês, devido a colonização britânica. Logo, o Dzaleka é um território multilinguístico encravado num país em que a população fala na rua o Chichewa, mas o governo se comunica em inglês com a totalidade de seus habitantes.

As diferenças étnicas também se fazem notar nos costumes e nas roupas. A alimentação é a que menos problemas apresenta. A escassez impede a multiplicidade de hábitos alimentares. A fome permanece ainda de forma acentuada no campo porque o auxílio dado pelo ACNUR às famílias não permite que se tenha alimentos para todos os dias. A base da alimentação dos habitantes do campo é o Sima, (também chamado no Kenya de Ugali) uma massa produzida com farinha de milho ou mandioca, água e sal. Este prato pode ser misturado com repolho ou algumas ervas locais, quando possível. Quando algumas famílias começam a ter uma vida mais estável, conseguem preparar alimentos mais próximos à cultura das regiões de origem. Mas o Sima é parte integrante de quase todas as culturas da África Oriental. Essa característica é fundamental quando se pensa em merenda escolar.

No campo religioso também existem diferenças, uniformidades e contradições latentes. A imensa maioria dos refugiados é evangélico, mas não de Igrejas tradicionais. Como acontece na periferia de grandes cidades do Brasil hoje, a presença das Igrejas pentecostais é grande. Mas não existem resquícios de evangelizadores brancos, externos ao campo e a África. Os pastores são refugiados. Aos Domingos percebe-se a mudança na paisagem do campo. Todos vestem as melhores roupas para ir ao culto. As músicas são entoadas com muita dança e com bastante alegria. Mesmo na Igreja Católica dos Jesuítas, a missa segue os mesmos princípios culturais de música e dança.

Em algumas rodas de conversa que promovemos para conversar e aprender sobre as diferentes culturas que convivem no campo, nos foram apresentados elementos provenientes da cultura ancestral de algumas etnias. Como no Brasil, existe um sincretismo que procura ajustar esses elementos a nova fé professada nas Igrejas. O papel das mulheres nas culturas ancestrais é de inteira submissão. Em grande parte das etnias, os homens compram as mulheres de suas famílias. Esse “casamento” com “dote” coloca as mulheres numa posição de inteira submissão ao homem. A institucionalização do patriarcado submete diversas mulheres no campo a violência doméstica (Carlson, 2015).

Na roda de conversa que promovemos, ao serem confrontados com um discurso sobre Direitos Humanos proferidos por uma visitante do campo, um dos apresentadores (homem) da etnia Kassai

defendeu a tese de que a ancestralidade se sobrepõe aos Direitos Humanos por ser mais antiga. Não aprofundamos o assunto, mas isso chamou a atenção para o fato de que muitas mulheres no campo não possuem maridos (donos em muitas culturas locais). Devido a isso, elas correm diversos riscos de estupro caso saiam durante a noite. Por não terem marido (dono) podem “servir” a qualquer um. Em outro momento, um refugiado nos contava que na parte mais alta do campo não existiam bombas d’água. As mulheres que vão em busca de água na parte mais baixa, tem que fazê-lo durante o dia, no momento de maior movimento e demanda por água. Logo, elas têm que enfrentar longas filas. No entardecer as bombas começam a ficar mais vazias, mas nesse momento corre-se o risco de estupro na volta, caso já é noite e o movimento nas ruas decaia. Logo, quase todas tem que passar parte do dia nas filas.

Muitas mulheres se prostituem em troca de comida ou dinheiro para alimentar os filhos. Essa é uma outra realidade que vem sendo combatida pela proposta educacional da organização humanitária que criou escola. A organização também criou um projeto visando atender a essas mulheres, principalmente àquelas que tem filhos estudando na escola. Este projeto vem instalando diversas hortas em terrenos próximos ao campo visando abastecer a merenda escolar. Nesses campos, as mulheres podem trabalhar ganhando um pró-labore para sustentar a família. Com a possibilidade de trabalho, renda e alimentação garantidas, não precisam se prostituir. A escola acaba sendo o núcleo para a criação de um ecossistema humanitário quando une educação ao combate a fome estrutural produzindo trabalho e renda para as mulheres, que são a imensa maioria da população do campo.

Desafios da Educação Básica no Dzaleka

À medida que o refugiado vai percebendo que sua condição pode durar mais tempo do que o esperado, ele começa a perceber as diferenças entre humanidade e cidadania, ou entre local de nascimento e a nacionalidade (Agamben,1998) (Turner,2015). Ao perceber que essa nova condição pode durar para além do esperado, dentre as diversas necessidades pelas quais tem que lutar, surge mais uma em sua lista: a educação. Seja a dele ou dos filhos.

O Malawi é um país que acolhe devido a um acordo com as Nações Unidas, mas não deseja aumentar seu orçamento, na maioria das vezes escasso, com uma quantidade enorme de crianças que chegam ao campo. Quem supre essa necessidade são as diferentes organizações humanitárias. No Dzaleka existem quase 35 mil crianças, muitas delas ainda necessitam de escola. Os sistemas públicos de educação de vários países, ou cidades brasileiras, não teriam orçamento para absorver essa população.

No Dzaleka existem diferentes organizações humanitárias que constroem escolas ou apoiam de diversas maneiras a construção de escolas. A Ubuntu Nation School da organização humanitária Fraternidade sem Fronteiras (FSF) assim como a Escola dos Jesuítas, apoiada pela organização Jesuit Refugee Service (JRS) são as duas maiores. Para além delas, existem diversos refugiados que abrem escolas em espaços bastante precários acolhendo as crianças. Alguns são pastores das inúmeras Igrejas evangélicas do campo. O espaço da Igreja torna-se escola nos horários vagos, fora dos cultos. Mas existem outros que são pessoas preocupadas com o futuro daquelas crianças que buscam desenvolver pequenas escolas que sobrevivem da contribuição das famílias. Os professores das escolas mantidas por organizações humanitárias recebem um pró-labore mensal dessas organizações, mantidos por doadores de todo o mundo. Mas nas escolas locais o pró-labore provém das famílias dos estudantes que

buscam pagar uma mensalidade visando manter a educação dos filhos. Assim, os professores e os organizadores dessas escolas conseguem se sustentar com alguma coisa para além da ajuda do ACNUR.

O Malawi, além de não absorver as crianças em sua rede, também não permite que os refugiados vivam ou trabalhem fora do campo. O atual governo se comprometeu com a população a não permitir a competição pelos recursos que são muito escassos com os locais. Os malawianos sabem que os refugiados contam com ajuda do ACNUR. Mesmo que sejam recursos incertos e precários, que não permitem fazer uma refeição por dia ao longo de um mês, veem os refugiados como privilegiados por isso. Logo, querem que seu governo se comprometa a não permitir a competição pelos escassos sustentos. Com isso, o campo de refugiados também funciona como um presídio.

Por isso, os proventos recebidos por todos dentro do campo, sejam professores ou trabalhadores das instituições humanitárias, não podem receber o nome de salário. Chamam de auxílio e aqui denominamos de pró-labore.

Ubuntu Nation School

A FSF investiu numa proposta ousada. Criou uma escola baseada na metodologia Montessori. Um casal de professores voluntários foi viver com os filhos no Malawi e moram hoje dentro do campus da escola. São os coordenadores pedagógicos e fazem toda a gestão do projeto. Pelo menos um consultor em educação costuma ir ao Malawi frequentemente para discussões sobre o projeto. Os professores são recrutados no campo de refugiados, sendo majoritariamente jovens, possuindo pelo menos o Ensino Médio.

A Ubuntu Nation School pode ser considerada um paraíso na realidade do campo. Mas isso não a impede de conviver com diversos desafios.

A FSF fornece aperfeiçoamentos para esses professores-refugiados na metodologia Montessori. Assim, eles podem se qualificar aprendendo a praticando simultaneamente o ofício de ser professor.

A cultura educacional na África é complexa. O castigo físico sempre fez parte dessa cultura. Os colonizadores usavam essa estratégia para produzir mais trabalho na extração de minerais no passado. Quebrar com essa cultura na escola tem sido um grande desafio para os coordenadores. Em qualquer lugar do mundo, professores tendem a reproduzir as formas de ensino que vivenciaram no passado. Mudar essa mentalidade é uma ação fundamental para a transformação da escola.

Aprender a ensinar na educação formal envolve um reinventar-se como professor. É preciso perceber que ser professor não é apenas transmitir conhecimentos, mas transmitir valores que muitas vezes podem se contrapor a cultura de casa. E essa transmissão não se dá pelo discurso, mas na convivência diária da escola. Mas para isso seja assimilado pelos professores, é necessário vivenciar essa nova experiência educacional, bem diferente daquela que tiveram a maioria deles teve como alunos. Para muitos jovens professores é algo natural. Mas ao mesmo tempo é antagônico com as práticas que vivenciaram quando crianças e acreditam que a imposição através de castigos, incluindo aí os físicos, seja uma ferramenta de mobilização para a aprendizagem ou bom comportamento. Essa condição é até contraditória se pensarmos nos motivos que fizeram esses professores buscarem refúgio. Em muitas conversas, vinham a tona as memórias de violências físicas, assassinatos de toda a família ou estupros sofridos. E isso, para muitos, há menos de 10 anos.

Para os coordenadores também é algo difícil lidar com essa mudança cultural. Nenhum deles vivenciou uma escola que compatuasse com castigos físicos no seu passado como estudantes. No Brasil

os castigos físicos já não existem há quase 100 anos. Quando acontece um caso de castigo físico na escola, a primeira reação é de ira e pensa-se logo na demissão, no afastamento daqueles que participaram de tal ato. É a reação mais lógica. Mas existe um papel educativo em relação a esses jovens professores nesse processo. Quem fez não tem essa dimensão. Precisa refletir sobre aquilo. Precisa mudar a percepção e concepção educacional. A Ubuntu tem essa dimensão clara, de formação das crianças, dos professores e dos pais. Mesmo que seja difícil de aceitar. Passo a passo, os professores vão sendo também educados.

Mas isso não é a regra em outras escolas no campo. Em muitas delas essa prática ainda existe. Em escolas islâmicas da região do norte da África e do Sahel esses castigos chegam a produzir fortes ferimentos e traumas².

As turmas da Ubuntu tinham no ano letivo de 2022/2023 uma média de 30 alunos por sala. No ano de 2023/2024 passará a ter em média 60 alunos com um professor e um auxiliar em cada sala. Esse é outro drama vivido no campo. Turmas pequenas podem significar qualidade educacional. Mas para poucos. A escolha é entre fornecer uma educação de qualidade para poucos ou produzir uma educação com menos qualidade para muitos. As escolas públicas no Malawi chegam a ter de 100 a 130 alunos por turma. A escola dos jesuítas segue esse modelo. A necessidade local é gigantesca. São muitas crianças fora da escola. São vidas perdidas se não forem socorridas.

Um outro desafio diz respeito à alimentação das crianças que a escola fornece. Todos os alunos chegam à escola por volta das 07:45h. Existe um café da manhã antes do início das atividades. O término do dia de trabalho acontece às 11:30h, para que todos possam almoçar. A saída é após o almoço por volta das 12:30h. Essas são, com certeza, as únicas refeições do dia que aquelas crianças terão. Aqueles que vivenciaram o início da escola, dizem que o almoço era mais variado do que é hoje. Com o aumento do número de alunos, os pratos diários tiveram que ser simplificados. Todos os dias eles comem mingau pela manhã e Sima no almoço com um único acompanhamento, podendo ser repolho ou algumas ervas locais. Essa dieta não é adequada ao desenvolvimento das crianças. Mas é aquela que pode ser fornecida. A produção própria da escola tem procurado diversificar a oferta com a ampliação da produção agrológica local. Tem-se procurado fazer uma diversificação das plantações para além do milho, através de hortas e um galinheiro que vem sendo ampliado para melhorar a produção de proteínas. Várias organizações humanitárias mundiais tem ajudado a Ubuntu Nation School nessa tarefa.

Eagles Junior Academy

Não se sabe ao certo quantas crianças estão fora da escola no Dzaleka. Suspeita-se que é da ordem de 30% do total crianças. Essa estimativa, não precisa, segue números de crianças refugiadas não matriculadas na pré-escola ou no Ensino Fundamental em todo mundo. Se esses números estiverem corretos, são em torno de 10 mil crianças.

A Eagles Junior Academy é uma escola com apenas 3 salas de aula que está situada no interior do campo. Atende a todas as séries da educação fundamental. Vive de mensalidades, às vezes incertas, pagas pelos pais. O número de alunos é pequeno em relação às escolas das organizações humanitárias. Muitas vezes conta com pequenas ajudas da FSF, que possibilitam a compra de carteiras novas, ou

² Para maiores informações sobre isso existe um documentário da BBC veiculado na plataforma de streaming Amazon Prime. <https://www.primevideo.com/detail/As-escolas-que-acorrentam-garotos/0G1086Y81ORFX1LBJLoCQINRC3>

reparos nas salas. Mas de certa forma a Eagles faz parte de um grupo de escolas construídas pelos próprios refugiados para atender às demandas educacionais do campo. Esse tipo de ação existe em diferentes campos ao redor do mundo (Dryden-Peterson, 2022) (Hos, 2016). Esse grupo de escola talvez seja o caso mais interessante de investigação a ser desenvolvido em futuras idas ao campo. Isso porque seria bastante interessante conhecer a fundo as motivações desses refugiados, suas propostas educacionais, suas dificuldades e como veem o futuro de seu trabalho. Podemos classificá-las como escolas comunitárias. Visitamos diversas outras escolas dessa categoria. Entretanto, essa foi aquela em que permanecemos mais tempo, conversamos, ministramos oficina e acompanhamos mais de perto as dificuldades.

Mas seu fundador é um refugiado entusiasta dessa missão. Ele criou um grito de guerra, que poderia ser considerado um chamado em direção ao futuro. Muitas vezes ele entoava esse grito quando encontra os alunos. Ele simplesmente grita para eles: Eagles (Eagleeeeees). E eles respondem em uníssono: We can fly (We can flyyyyyyng) Esse chamado serve para desafiá-los a pensar que aquela condição vivida hoje não pode determinar os sonhos de futuro. Como na parábola em que as águias criadas como galinhas achavam que não podiam voar, mesmo sem perceber que eram diferentes do resto das aves, por serem águias. A educação dá asas maiores, forma águias.

Os professores da Eagles não participam de formações. As aulas se utilizam de materiais didáticos doados por malawianos e segue o currículo das escolas públicas do governo do Malawi: Inglês (língua oficial do Malawi), Chichewa, Matemática, Conhecimentos Bíblicos, Habilidades de Vida, Ciências Sociais e Ambientais. Os Conhecimentos Bíblicos, segundo eles, é um estudo da bíblia sem ter nenhum compromisso com qualquer religião. Essa deve ser uma herança da colonização inglesa, onde o Anglicanismo era a religião de Estado e se fazia presente nas escolas. Essa herança ainda persiste desde os tempos coloniais.

Seu fundador e coordenador sempre pede doações para a compra de uniformes. Os uniformes possuem grande simbolismo. Significa dizer: eu estudo, eu vou a escola, eu vou ter futuro. Isso tem um significado muito grande para aquelas crianças, e mais ainda para as mães que investem o pouco que ganham na educação dos filhos.

Uma das experiências mais interessantes nessa escola foi a formatura das crianças das diferentes séries do Ensino Fundamental. Para cada formando de cada série é dado um diploma de conclusão. A formatura é uma festa, com as mães, e raros pais, abraçando seus filhos e filhas pela conquista. Alguns gestos são as vezes simbólicos e atestam o grau de carência impensável daquela comunidade. Ao ver a filha sendo chamada para receber o diploma da terceira série do Ensino Fundamental, a mãe foi ao seu encontro para dar um presente: uma caixa de suco de laranja e pacote de biscoitos. Dá pra imaginar quantas vezes aquela filha pediu isso e a promessa foi de dar aquilo, caso ela conseguisse completar com sucesso o ano letivo. A compreensão do papel da educação naquela realidade se dá pela percepção desses pequenos gestos cheios de simbolismo.

Os professores da Eagles mantêm uma disciplina rigorosa. Entrar numa sala para ser apresentado aos alunos significa vê-los levantarem-se sem que qualquer ordem seja dada. Sentar-se ao fundo para não atrapalhar, produz, como em qualquer escola, olhares furtivos para trás. Mas estes são sempre acompanhados pelo olhar disciplinador do professor.

Na oficina dada nessa escola pode-se perceber a dificuldade na compreensão do inglês por diversos professores. Mesmo do inglês escrito, já que o material didático produzido era no formato de um livro infantil, com pouco texto e muitas imagens.

A Eagles representa um fenômeno que merece ser estudado. É uma escola construída por refugiados para refugiados, não ligada a qualquer credo religioso. Logo, é uma construção de resistência.

Educação Superior

A educação superior é um dos grandes desafios do Campo de Refugiados de Dzaleka (A UNHCR vem produzindo estudos sobre a educação superior de refugiados. Em 2017 eram apenas 3% matriculados em cursos superiores, que são constituídos por graduações ou cursos de formação profissional subsequente ao Ensino Médio de duração ampliada (de 2 anos ou mais). Em 2022 esse número subiu para 7%. A meta do ACNUR é atingir 15% até 2030.(UNHCR, 2019) (UNHCR,2022). Hoje, 13,31% dos refugiados são jovens entre 18 e 24 anos, o que significa 4 milhões de jovens refugiados. A meta é matricular 600 mil desses jovens (UNHCR,2023). Em países abertos à participação de refugiados na sociedade de acolhimento é fácil de obter um incremento de matrículas na rede de universidades locais. Entretanto, em países fechados é muito mais difícil. O Dzaleka faz parte dessa realidade.

Mas existem organizações humanitárias internacionais procurando dar soluções para o problema. A Jesuit Worldwide Learning (JWL) é uma delas que mantém uma plataforma de cursos superiores EAD em parceria com universidades internacionais. A JWL mantém um curso de inglês que é a base para que os refugiados possam cursar as demais carreiras ofertadas na plataforma. Tanto para a UNHCR como para a JWL os cursos de formação profissional (TVET) pós secundários são considerados superiores. Logo, as matrículas nesses cursos também contam para a Agenda 15/30 (Rega & Honen-Delmar, 2023).<

Existe no Dzaleka um polo da JWL com computadores e uma infraestrutura de suporte. Vários refugiados já fizeram cursos ou estão fazendo através dessa plataforma.

A JWL procura manter dois níveis de aprendizagem colaborativa, uma local e outra global. No Dzaleka foi formado um Centro Comunitário de Aprendizagem (Community Learning Centre) que reúne os estudantes de diferentes cursos para troca de experiências e de aprendizados. Mas também existe o Centro Global de Aprendizagem que pode reunir estudantes de todo o mundo. A JWL não trabalha apenas com refugiados, mas com jovens que estão à margem de suas sociedades. Entretanto, a maioria dos estudantes globais são refugiados. Em muitos países os diplomados acabam trabalhando como prestadores de serviço da JWL, criando novas comunidades em diferentes locais de suas regiões.

Em entrevista com a direção do centro e com alguns estudantes do Dzaleka, colocamos a questão do emprego, já que o Malawi não permite que os refugiados saiam do campo. Vários narraram a possibilidade trabalho remoto, já que existe a possibilidade transferência de recursos através de agências do sistema bancário internacional existente no campo. O trabalho remoto no Dzaleka significa uma saída de prestação de serviços à distância que pode gerar perspectivas de subsistência digna. A área de TI tem atraído muitos estudantes exatamente por isso. Já existe no Dzaleka um centro de produção de aplicativos para o campo, denominado “App Factory”, uma parceria da Microsoft, ACNUR e Jesuit Refugee Service. Nessa fábrica de aplicativos pode-se encontrar diversos refugiados trabalhando colaborativamente, buscando soluções para os problemas tanto do campo como de diferentes comunidades da África, por meio da conexão de diferentes atores. Alguns ex-alunos também acabam trabalhando como tutores dos novos alunos, organizando a comunidade de aprendizagem.

De uma forma geral, existe um estímulo para o desenvolvimento de ações empreendedoras no campo, já que dificilmente existirá qualquer forma de empregabilidade (Patience Iraguha, 2023).

Considerações finais

O primeiro desafio que emerge dessa pesquisa exploratória é a criação de uma solução que permita com que haja um atendimento de qualidade da pré-escola ao ensino fundamental nos níveis populacionais encontrados no Dzaleka. Não existem organizações humanitárias que consigam atender às 35 mil crianças necessitadas de educação formal. Logo, muitas dessas crianças estão sendo condenadas a viver no abandono educacional. Talvez esse seja o motivo de muitas mães fazerem questão de exibir o uniforme de seus filhos na ida à escola. É uma afirmação de futuro e de cuidado.

Entretanto, mesmo que seja encontrada uma solução para esse desafio, o final da linha é ainda incerto. Esse é o segundo desafio. Ele nos leva a pensar que todos os esforços educacionais que diferentes atores internacionais estão performando hoje na educação básica, podem se tornar inúteis, se não houver uma proposta de educação superior que dê vazão aos anseios daquela população. Nesse nível mais avançado, principalmente na educação universitária ou formação profissional de longa duração (TVET Technical and Vocational Education and Training), a Educação à Distância pode fornecer uma saída. Os cursos ofertados por instituições como JWL ainda são limitados. Mas bastaria encontrar universidade no mundo que se propusessem a ofertar cursos internacionais nesse sistema que se poderia encontrar soluções viáveis.

O terceiro e mais desafiador desafio está no que fazer se as perspectivas futuras não possibilitarem um engajamento desses jovens de forma produtiva na sociedade que lhes concedeu abrigo? Esse é o drama vivido por todos no Dzaleka. Os refugiados estão a salvo da barbárie de seus países de origem, mas condenados a viver o resto da vida numa prisão. E essa realidade de refugiados possui similaridades em diferentes países.

No mundo todo um dos grandes desafios educacionais dos refugiados é conseguir dar-lhes uma educação que seja compatível com as regiões que habitam. Para que possam se integrar no país de acolhimento ou retornar ao seu, tão logo as ameaças cessem. Mas esses casos não são frequentes. A saída é sempre a busca de um terceiro país de acolhimento.

Em todo mundo, existem 32 mil refugiados estudando num terceiro país, diferente do originário e do primeiro de acolhimento. Mas nada garante que esses estudantes serão absorvidos pela economia e pela sociedade onde fazem seus estudos.

Um quarto desafio envolve a língua. O Dzaleka possui a vantagem do Malawi ter o inglês como língua oficial. Isso permite com que todas as crianças que frequentam as escolas aprendam essa língua desde cedo. Logo, isso abre possibilidades internacionais grandes, tanto em cursos superiores como na empregabilidade. Mas para a grande maioria dos refugiados esse é um obstáculo a mais a ser enfrentado. Antes de entrar numa universidade ou cursar o EAD, é necessário aprender o inglês. Alguns poucos cursos superiores, ministrados em sistema EAD, tendem a utilizar o árabe como língua básica. Isso se deve a incidência de Sirios e Afegãos nas redes de aprendizagem internacionais. Mas o conjunto dos refugiados do mundo falam línguas somente utilizadas em suas etnias.

Esses desafios exigem soluções inovadoras e que envolvam diferentes atores. A Acnur é o principal deles. As novas tecnologias que vem sendo desenvolvidas em diferentes partes do mundo

poderão dar respostas a essas demandas. Logo, existe a necessidade de participação de outros atores, principalmente aqueles que possam trazer novas plataformas educativas.

As crianças que vem sendo escolarizadas no Dzeleka poderão até sonhar em voar como águias no futuro, como prega o diretor e fundador da Eagles, mas não conseguirão ir muito longe se nada mudar. Essa é a antítese da parábola da águia e da galinha, na qual uma águia é criada num galinheiro e assume a identidade das galinhas, sem perceber que pode voar mais alto e mais longe. No Dzaleka as crianças foram abrigadas de predadores no galinheiro do Dzaleka. Mas estão sendo educadas como águias. Sabem que podem voar. Mas se as portas do galinheiro não forem abertas, poderão ficar confinadas lá para o resto da vida.

Referências

- Agamben, G. *Homo Sacer: Sovereign Power and Bare Life*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1998.
- Braga, M. *Apredendo a Inovar em Projetos STEAM*. Editora E-papers, Rio de Janeiro, 2021.
- Braga, J. L. R. Os campos de refugiados: um exemplo de "espaços de exceção" na política contemporânea in 3º Encontro Nacional ABRI, 2011, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000122011000200036&lng=en&nrm=abn. Acesso em 21 jan. 2024.
- Cararo, A, Souza, D P. *Valentes: Histórias de pessoas refugiadas no Brasil*. Seguinte, Ed Schwarcz, São Paulo, 2017.
- Carlson, S. *Contesting and Reinforcing Patriarchy: An Analysis of Domestic Violence in the Dzaleka Refugee Camp*, Refugee Studies Centre, Oxford University, 2015.
- Dryden-Peterson, S. *Right Where we Belong: How Refugees Teachers and Students are Changing the Future of Education*, Harvard University Press. Cambridge, MA, 2022.
- Fresia, M., Von Känel, A. *Beyond Space of Exception? Reflections on the Camp through the Prism of Refugee Schools*. *Journal of Refugee Studies*, Oxford University Press, Volume 29, Issue 2, June 2016, Pages 250–272, Disponível em <https://doi:10.1093/jrs/fev016>.
- Geertz, C. *A Interpretação das Culturas*, Guanabara-Koogan, Rio de Janeiro, 1989.
- Hos, R. *Education in Emergencies: Case of a Community School for Syrian Refugees*, *European Journal of Educational Research*, vol5, Issue 2, 53-60. 2016. Disponível em: <https://www.eu-jer.com/education-in-emergencies-case-of-a-community-school-for-syrian-refugees>
- Magambi, I. *Refugees for Life: My journey across Africa to Find a Place Called Home*, International Association for Refugees, I-Teams, Powys – UK, 2015.
- Mendenhall, Mary, Sarah Dryden-Peterson, Lesley Bartlett, Caroline Ndirangu, Rosemary Imonje, Daniel Gakunga, Loise Gichuhi, Grace Nyagah, Ursulla Okoth, and Mary Tangelder. "Quality Education for Refugees in Kenya: Pedagogy in Urban Nairobi and Kakuma Refugee Camp Settings." *Journal on Education in Emergencies* 1(1): 92-130, 2015.
- Palatinsky, E. J. *Refugiados Invisíveis*. Editora Dormir Pra que, Rio de Janeiro, 2022.

Patience Iraguha, D. How Refugees can be Integrated into Development in Malawi through an Entrepreneurship Approach. Regis University Student Publications (comprehensive collection). 1098, 2023. Disponível em: <https://epublications.regis.edu/theses/1098>.

Rega, I., Honen-Delmar M. The Transformative Impact of JWL Professional Programmes, Research Report, Jesuit Worldwide Learning, 2023. Disponível em: https://www.jwl.org/Articles/Research/Research%20Publications/professional-impact-2023/JWL_ProfessionalCourses_impact_report_10_FINAL%20%28005%29.pdf.

Turner S. What Is a Refugee Camp? Explorations of the Limits and Effects of the Camp, *Journal of Refugee Studies*, Volume 29, Issue 2, Pages 139–148, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jrs/fev024>

UNHCR. Refugee Education 2030: A Strategy for Refugee Inclusion, United Nation High Commissioner for Refugees, 2019. Disponível em: <https://www.unhcr.org/media/15by30-roadmap-expanding-higher-education-skills-and-self-reliance-refugees>.

UNHCR. All Inclusive: The campaign for Refugee Education: A Moral Imperative. A United Endeavour. A Global Priority, 2022. Disponível em: <https://www.unhcr.org/fr-fr/en/media/unhcr-education-report-2022-all-inclusive-campaign-refugee-education>.

UNHCR. 15by30 Roadmap: Expanding Higher Education, skills, and Self-Reliance for Refugees, UNHCR. 2023. Disponível em: <https://www.unhcr.org/media/15by30-roadmap-expanding-higher-education-skills-and-self-reliance-refugees>.

Xavier Devictor, Quy-Toan Do, How Many Years Have Refugees Been in Exile? *Population and Development Review*, Vol. 43, No. 2, pp. 355-369, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26622897>.

RECEBIDO: 25/01/2024

RECEIVED: 25/01/2024

APROVADO: 21/04/2024

APPROVED: 21/04/2024